

# ENCONTROS ENTRE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA: PRIMEIROS EMBATES METODOLÓGICOS NA FRANÇA

## *RECONTRES ENTRE HISTOIRE ET SOCIOLOGIE: PREMIERS COMBATS MÉTHODOLOGIQUES EN FRANCE*

Brunno Hoffmann Velloso da SILVA\*

**Resumo:** O artigo trata de disputas metodológicas ocorridas entre sociólogos e historiadores, na França, em finais do século XIX e no início do século XX. Essas disputas produziram uma seqüência de debates entre os dois grupos, cujos principais protagonistas foram de um lado o sociólogo François Simiand e de outro o historiador Charles Seignobos. Buscou-se compreender algumas das razões que levaram os membros das duas disciplinas a acirradas discussões metodológicas, bem como identificar os principais argumentos postos em debate nos primeiros encontros entre História e Sociologia no campo intelectual francês.

**Palavras-chaves:** História e Sociologia; discussões metodológicas; C. Seignobos; F. Simiand.

**Resumé:** Cet article se propose de présenter certains conflits méthodologiques qu'ont eu lieu entre sociologues et historiens, en France, à la fin du XIX<sup>ème</sup> et au début du XX<sup>ème</sup> siècle. Ces différends ont produit une série de débats entre les deux groupes, dont les protagonistes principaux furent d'une part le sociologue François Simiand et de l'autre l'historien Charles Seignobos. Il est question ici d'essayer de comprendre certaines des raisons qui ont entraîné les membres des deux disciplines dans des débats méthodologiques acerbes, ainsi que d'identifier les principaux arguments mis en débats lors des premières rencontres entre Histoire et Sociologie dans le champ intellectuel français.

**Mots-clés:** Histoire et Sociologie; débats méthodologiques; C. Seignobos; F. Simiand.

No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, um debate caloroso sobre questões metodológicas se impôs, no círculo acadêmico francês, entre prestigiados historiadores e adeptos da novata Sociologia. Digo caloroso, embora em vários momentos o debate tenha de fato adquirido um tom raivoso. O ponto sensível da discussão estava na disputa, que se podia imaginar fatal, entre a nova abordagem dos fenômenos sociais proposta pela Sociologia e o consolidado, à época, “método histórico”. Alguns dos importantes discípulos da Sociologia pretendiam levar para o campo da História as suas novas regras metodológicas. Contudo, essa aproximação dos sociólogos não resultou em uma pacífica e cordial discussão de vizinhos sobre a validade do emprego de uma nova metodologia. O avanço dos sociólogos sobre o terreno da História levou a um confronto, nos seus primeiros momentos, que parecia colocar em xeque mais do que os procedimentos de investigação histórica, a sua própria lógica e, finalmente, o seu sentido.

---

\*Mestre em Sociologia – Programa de Pós-graduação em Sociologia – Departamento de Sociologia – UnB - Universidade de Brasília. Distrito Federal, DF - Brasil. E-mail: brunno.hoffmann@gmail.com.

O que os sociólogos pareciam pretender era a derrubada de grande parte, ou melhor, da coluna central do método histórico – fundado na pesquisa de eventos considerados singulares – e sua substituição pelo princípio sociológico do fato social, que apontava para força própria dos fenômenos coletivos da sociedade. Dessa forma, o novo método aplicado pelos sociólogos em suas pesquisas e a tradicional metodologia histórica francesa punham-se em rota direta de colisão. Esse choque entre as duas metodologias talvez já se pudesse antever em meados do século XIX, no início da formação da Sociologia. É que, por essa época, enquanto a História desenvolvia sua metodologia apoiada na investigação documental e, sobretudo, na busca das motivações dos “grandes homens” nos mais “importantes” eventos históricos, num outro sentido, os primeiros defensores da Sociologia começavam a esboçar uma preocupação com fenômenos de massa que só podiam, segundo eles, ser entendidos para muito além das razões individuais. O fortalecimento e a gradativa institucionalização da Sociologia ao longo da segunda metade do século XIX fizeram com que, em finais daquele século, um choque mais forte entre as duas disciplinas pudesse ocorrer.

A historiografia francesa havia traçado, durante o século XIX e mais intensamente a partir de sua segunda metade, seu caminho de elaboração metodológica fundado na pesquisa de fontes documentais e na erudição. Este modo de estudar a História era, em boa medida, tributário do pensamento alemão. Em Berlim, em torno dos anos 1820, o historiador alemão Leopold Von Ranke desenvolve seu método de pesquisa em História com base na análise e crítica de fontes documentais e com o predomínio de uma história narrativa. Este modelo terá grande influência não apenas no meio acadêmico alemão, mas chegará também com força no campo de pesquisa francês.

Ranke postulava que o acesso ao passado apenas podia dar-se de forma indireta, por meio de fontes que possibilitassem reconstruir e contar os eventos da História. O entendimento de Ranke sobre a forma possível de se acessar o passado teve importantes conseqüências sobre a maneira de se fazer pesquisa histórica e a extensão dos temas estudados. Ora, se o passado apenas podia ser conhecido indiretamente por meio de fontes documentais, a pesquisa histórica deveria se concentrar e, ao mesmo tempo, se limitar a estes recursos. Assim, os historiadores direcionaram suas buscas para as fontes mais comuns e consideradas mais “confiáveis”, os documentos oficiais (POMIAN, 1999).

Ao se voltarem para esse material, os historiadores restringiram seus temas de pesquisa à história política, militar e diplomática dos Estados. Mais do que isso, acabaram ainda por reduzir drasticamente a extensão temporal de suas pesquisas. Com base na documentação de que dispunham, os historiadores, no mais das vezes, mantendo a

seriedade crítica da metodologia rankeana, poderiam com bastante dificuldade se aventurar a historiar longos períodos. Concentrados nas fontes documentais oficiais, mesmo quando se propunham a estudar um escopo temporal de séculos, os historiadores terminavam por se debruçar sobre eventos, indivíduos e datas pontuais, obedecendo a lógica do corpus documental pesquisado. O resultado é que, pode-se dizer que a historiografia de metodologia rankeana tendia a destacar os indivíduos, as rupturas e os “grandes acontecimentos” da nação, deixando pouco visível as permanências e continuidades da vida social.

Se os historiadores franceses haviam sido largamente influenciados pelo pensamento metodológico alemão, é dentro da própria França, na metade do século XIX, que se desenvolverá com mais nitidez uma nova forma de se entender e estudar os fenômenos sociais, a física social. Em 1842, Auguste Comte termina de publicar seu *Curso de Filosofia Positiva*, nesses escritos o filósofo toma, entre outros, como objeto de seu estudo – com enorme despreocupação com o controle de afirmativas de caráter geral – nada mais nada menos do que os estágios de desenvolvimento das sociedades. Ao proceder assim, Comte inaugurava uma espécie de história universal das sociedades ou da humanidade. A pretensão de Comte era enunciar as leis gerais que regiam as etapas do progresso das sociedades humanas.

Contudo, mais importante do que as pretensas leis delineadas por Comte, havia em várias passagens da obra um novo postulado sobre como as sociedades deveriam ser estudadas. Comte não renunciava ao estudo dos indivíduos e sua psicologia, mas não acreditava que somente este conhecimento fosse suficiente para chegar às leis que buscava. Era na conformação social dos indivíduos, que se podia encontrar o material para o entendimento das leis sociais (COMTE, 2005). Estas leis estavam, se se pode dizer assim, em um conjunto de fenômenos próprios, acima dos indivíduos, ou melhor, no todo que formavam. Isto significava a criação de um objeto próprio para um novo campo da ciência, que o próprio Comte chamou de Sociologia.

Ainda na França, mas já em finais do século XIX, apoiado nas postulações de Comte sobre a existência de características próprias ao estudo dos fenômenos sociais, o filósofo e pedagogo de formação Émile Durkheim procurou consolidar o campo da Sociologia. Para tanto reafirmou e enfatizou a separação entre a Sociologia e a Psicologia. Em suas *Regras do Método Sociológico* de 1894, apresentou um conjunto importante de pressupostos que deveriam orientar o trabalho dos sociólogos. No livro, expôs a elaboração de seu entendimento sobre a exterioridade dos fenômenos sociais em relação aos indivíduos e a força condutora que a sociedade exercia sobre estes.

Assim, argumentava Durkheim, se os indivíduos eram guiados por forças sociais e estas eram externas a eles, as regras relativas a essas forças não poderiam ser encontradas na consciência dos indivíduos. Em suas *Regras do Método Sociológico*, Durkheim categorizou essa ideia da seguinte maneira: “Pode-se estabelecer como princípio que os fatos sociais são tanto mais suscetíveis de ser objetivamente representados quanto mais completamente separados dos fatos individuais que os manifestam” (DURKHEIM, 1999, p. 45).

Dessa maneira, a tradicional metodologia histórica e a nova metodologia sociológica pensavam a importância do indivíduo na dinâmica da vida social de forma bastante assimétrica. Se um historiador descobria as razões de uma guerra na personalidade ambiciosa de um monarca, os sociólogos poderiam facilmente supor que naquela sociedade a guerra cumpriria a função de controle populacional. Em suma, os métodos aplicados pelos sociólogos não apenas retiravam de cena o indivíduo, mas colocavam em seu lugar abstrações conceituais, que alargavam exponencialmente as ambições explicativas da Sociologia, se comparadas às da História. Com tamanho potencial para transpassar séculos e os mais variados grupos humanos, poderia se imaginar então que a Sociologia teria preponderância metodológica sobre a História, acañada apenas em narrar eventos bem circunscritos.

Talvez com esse sentimento de superioridade, mas também com certa consciência do peso da tradição secular do campo histórico, um grupo formado por sociólogos e historiadores franceses, associados ao pensamento durkheimiano, empreendeu, no começo do século XX, armados com uma inicial consolidação teórica da Sociologia, um forte ataque diretamente contra o que consideravam ser um método pouco produtivo e que não mais convinha à História. Esse ataque gerou uma reação de defesa de alguns historiadores e uma seqüência de debates foi travada pelos dois grupos entre os anos de 1903 e 1908. É interessante notar que a discussão não se deu apenas por meio da publicação de artigos, mas também em encontros pessoais, ocorridos em conferências da *Société Française de Philosophie* (SFP), entre os principais contendores de cada lado. As intervenções, repletas de inúmeras provocações de lado a lado, foram transcritas e legaram um valioso material sobre o conflito metodológico entre os dois campos e sobre o clima intelectual da época.

Entre esses conflitos, podem ser elencadas quatro batalhas principais: dois artigos, escritos pelo sociólogo e economista François Simiand, de ataque contra o método histórico – o primeiro publicado em 1903, na *Revue de synthèse historique*, intitulado *Méthode historique et science sociale* e o segundo, *La causalité en histoire*, apresentado

em 1906, na SFP, seguido de debate; e dois artigos de defesa do método histórico, de autoria de Charles Seignobos, também apresentados diante da SFP, com os títulos de *Les conditions pratiques de la recherche des causes dans le travail historique* e *L'inconnu et l'inconscient en histoire*, o primeiro texto de 1907 e o segundo de 1908 (REVEL, 2009). Na ocasião da apresentação dos dois textos de Seignobos diante da SFP, houve um intenso debate com a presença expressiva de vários partidários do método sociológico.

Como se pode notar pela autoria dos textos acima mencionados, os debates entre sociólogos e historiadores, embora tenham contado com a participação de diversos intelectuais em cada um de seus campos de defesa, foram capitaneados por duas figuras: o sociólogo e economista François Simiand e o proeminente historiador Charles Seignobos. É curioso notar que tanto Simiand quanto Seignobos, “representantes” de cada um dos lados do debate, pareciam simbolizar em suas figuras a posição, no quadro de prestígio acadêmico, que a Sociologia e a História ocupavam. Simiand – assim como a Sociologia – era jovem (não havia completado 30 anos) e ousado quando, em 1903, desferiu seu ataque contra o método histórico. Nesse momento, apesar de reconhecido por seus professores e entre os membros de *L'Année Sociologique* (BESNARD, 1979) como um intelectual altamente promissor, Simiand ainda não havia publicado sequer um livro, contava apenas em seu curriculum com a impressão de algumas resenhas críticas e artigos. Charles Seignobos, por sua vez, já havia atingido – assim como a História, naquele momento – um considerável nível de reconhecimento acadêmico. Seignobos concluíra seu *Doctorat* em 1888, tornara-se professor na Universidade de Paris e fazia mais de dez anos havia impresso seu primeiro livro.

Assim, é contra uma das figuras mais renomadas do campo historiográfico francês naquele momento que Simiand verte contundentes críticas metodológicas. O artigo publicado por Simiand em 1903 refere-se, com tom iconoclasta, diretamente ao livro *Introduction aux études historiques* (1992), escrito por Seignobos em conjunto com o historiador Charles-Victor Langlois. De fato, o texto de Simiand tem como subtítulo *Étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et de M. Seignobos*. Entretanto, a Paul Lacombe, pelo seu livro *De l'histoire considérée comme science* (1894), Simiand reserva pequenas críticas e se vale do texto, em parte, como contraponto à linha que Seignobos defendia. O livro de Seignobos e Langlois apresentava-se como um manual para os novos aprendizes da disciplina acadêmica da História e, como era de se esperar, reafirmava o “método histórico”, dedicando preocupação e longo espaço ao tratamento das fontes e a construção<sup>1</sup> dos eventos históricos. Dessa forma, o livro de

Seignobos e ele próprio eram alvos perfeitos para as críticas dos sociólogos, pois derrotar Seignobos, poderia se pensar, era derrubar o rei e tomar o seu castelo.

A ousadia do ataque de Simiand torna-se ainda mais evidente se levarmos em conta que o texto de 1903 era a reprodução de uma comunicação feita naquele mesmo ano diante da *Société d'histoire moderne et contemporaine*. Simiand foi à casa dos historiadores pretendendo dar-lhes uma aula de método. Ele entendia perfeitamente o clima de disputa que se travava entre os dois campos e o reconhecia no parágrafo de abertura de seu texto:

As preocupações metodológicas que se manifestam atualmente entre os historiadores, por meio de muitos sinais, dão-se em boa medida, ao que parece, pelas relações de vizinhança, de rivalidade e, diga-se logo, de conflito, que, cada vez mais, se estabelecem entre a história tradicional e a nova ciência social. Então, o que método histórico e ciência social têm a fazer em conjunto? (SIMIAND, 1903a, p. 1).<sup>2</sup>

Simiand coloca uma questão fundamental para o debate, de que forma História e Sociologia (identificada no texto com o nome de ciência social) podem se relacionar? A disputa entre as duas disciplinas ganhou maior potencial de tensão porque, apesar de abordarem seus temas de formas metodologicamente diferentes, ambas valiam-se, grosso modo, de uma mesma matéria bruta de pesquisa: a vida dos homens em sociedade. Por isso, parecia difícil ignorar que duas “ciências” tão próximas pudessem estar metodologicamente tão distantes.

Seignobos havia, na sua *Introduction aux études historiques* (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1992), revisto pedagogicamente os métodos aplicados pelos historiadores e reconhecia que os pesquisadores não se limitavam a apenas recolher eventos históricos, mas que todo historiador acabava por ordenar logicamente seu material e preencher suas lacunas com raciocínios a partir de fatos conhecidos (erudição). Por fim, cabia ao historiador tentar buscar as características gerais dos eventos e a relação entre eles. Simiand entendia o valor do método histórico no que se referia à sua preocupação com a crítica e a análise das fontes e dos dados, por outro lado, percebia que um dos pontos de divergência começava pela operação final que os historiadores faziam em suas pesquisas.

O historiador não limita seu trabalho ao estabelecimento de fatos: ele os agrupa, os organiza, os constrói; ele procura constituir um certo sistema de conhecimento que seja uma certa ciência, que seja a história. É nesta fase do trabalho científico, é na elaboração dos dados em um conjunto, é no modo e no espírito de utilização dos fatos para constituir uma ciência, que se manifesta uma divergência de ação e uma oposição

de tendência entre a ciência social e a história tradicional. Metodólogos de uma e de outra parte visivelmente se interessam pelo problema colocado por este conflito (SIMIAND, 1903a, p. 6).<sup>3</sup>

A inspiração comtiana é bem visível em Simiand quando considera que a Sociologia deve ter como objetivo constituir para si um modelo metodológico análogo ao das ciências naturais:

A construção dos fatos humanos, tal como a empreende a ciência social, tem por objetivo constituir uma ciência dos fenômenos sociais análoga às já constituídas ciências positivas dos fenômenos da natureza. Essa concepção ainda não é familiar a muitos espíritos: enfrenta especialmente vários dos hábitos de pensamento constitutivos, dos quais procedem a construção da história tradicional (SIMIAND, 1903a, p. 3).<sup>4</sup>

Simiand desejava que os historiadores substituíssem a relação lógica e causal dos eventos, considerados singulares, por uma análise sociológica, que procurasse por meio das boas abstrações evidenciar as regularidades e se possível as leis que regulavam os fenômenos sociais. Assim, passa ao menos metade de seu artigo explicando aos historiadores os fundamentos do método sociológico, conforme havia aprendido com Durkheim. Simiand percebe, colocando os dois métodos lado a lado, que os historiadores falam de eventos e os sociólogos de fatos sociais.

Essa diferença de linguagem tinha como consequência direta a utilização de formas distintas, na História e na Sociologia, de explicar e tratar as causas dos acontecimentos sociais. Segundo Simiand, os historiadores tinham o hábito errôneo de considerar a causa de um fato um ou vários outros fatos anteriores, escolhidos sem uma regra metodológica precisa, apenas fundada no julgamento do historiador de que a relação causal por ele estabelecida era provável. Simiand ironiza a lógica causal utilizada, em geral, pelos historiadores, afirmando que esse procedimento os levava a considerar a causa de uma revolução o incidente que a fez eclodir, assim como considerariam a causa de uma explosão o fósforo que caísse sobre a pólvora.

Para Simiand, o erro no procedimento adotado pelos historiadores na explicação das causas dos eventos históricos tornava-se completo e ainda mais grave ao considerarem a causa anterior de um evento as vontades e razões dos indivíduos. Raciocinavam os historiadores que, se os homens eram seres conscientes e agiam a partir de suas vontades, a causa dos eventos sociais deveria ser encontrada, em última análise, nos motivos da ação humana. Esta forma de explicação, apontada pelos sociólogos durkheimianos de finalista, supunha que os motivos que levavam os indivíduos à ação

eram de fato aqueles que eles próprios declaravam. Simiand, advertia os historiadores, em seu texto, contra a ilusão de que os homens seriam realmente conscientes das verdadeiras razões de suas ações tanto na vida individual quanto na vida social. Assim, pressupor que a causa de um evento poderia ser encontrada nas explicações que os próprios indivíduos fornecem para justificar suas ações seria trazer para o campo da ciência um engano do senso comum.

Finalmente, como conseqüência talvez mais desastrosa do método histórico, Simiand via a impossibilidade de estabelecer, por meio de relações causais singulares e individuais, regras ou leis que de fato explicassem a vida em sociedade. O elo entre uma causa e outra era para os historiadores tão fundamentado em razões particulares que jamais se poderia estabelecer uma causa geral para um conjunto de eventos homogêneos ao longo da história.

O estabelecimento de uma ligação causal se faz não entre um agente e um ato, não entre um poder e um resultado, mas entre dois fenômenos exatamente de mesma ordem; isso implica uma relação estável, uma regularidade, uma lei. Não há causa, no sentido preciso do termo, senão onde existe lei, ao menos concebível. Nesse sentido, vê-se logo que o fenômeno individual, único de sua espécie, não tem causa, pois não pode ser explicado por uma relação constante com um outro fenômeno, e que, em um caso único, o antecedente invariável não pode ser estabelecido. Se, então, o estudo dos fatos humanos quer se constituir em ciência positiva, ele é conduzido a desviar-se dos fatos únicos para se dedicar aos fatos que se repetem, ou seja, afastar o acidental para se apegar ao regular, eliminar o individual para estudar o social (SIMIAND, 1903a, p. 18).<sup>5</sup>

Tanto Simiand como Seignobos se intitulam praticantes de uma ciência “positiva”, mas cada um a seu modo. A proximidade da História com o conhecimento científico se dá para Seignobos por meio de uma crítica das fontes e da análise minuciosa e cuidadosa da construção dos eventos históricos. Para Simiand, a História apenas poderá se tornar definitivamente uma ciência se for capaz de entender as regularidades da dinâmica da vida social. Entretanto, na sua opinião, essas regularidades não poderiam ser encontradas olhando-se apenas para um tempo curto e para os indivíduos. Seria preciso ir além, pois para ver ao longe era preciso ir mais alto. Simiand reconhece as dificuldades do estabelecimento das regularidades sociais, mas ele deseja que a história ouse mais e se torne de fato uma ciência.

A regra aqui, como nas outras ciências positivas, é seguir as boas abstrações, ou seja, aquelas que levam a estabelecer, aquelas que são próprias a colocar em evidência regularidades e, se possível, leis. Sem

dúvida, esta operação é mais delicada e mais incerta que nas outras ciências positivas. E o Sr. Seignobos, nas razões que dá para condenar o emprego dessas abstrações, não faz, para dizer a verdade, mais que enumerar algumas dificuldades que, de fato, encontra a este respeito, a operação de abstração. Mas o processo lógico não é outro e o exemplo das ciências mais avançadas demonstra que esse processo é indispensável e essencial à condição da ciência positiva (SIMIAND, 1903a, p. 13).<sup>6</sup>

Simiand termina seu artigo pelo mesmo ponto em que começou, questionando-se em linhas gerais se e em que condições História e Sociologia poderiam se justapor metodologicamente. A essas interrogações Simiand promete retornar em um próximo artigo. As questões são bastante complexas e mais ainda polêmicas para que pudesse considerar que seu pequeno texto colocaria um fim resolutivo nelas. Seria mesmo ainda necessário retornar a pontos centrais do debate.

A idéia de tornar clara a diferença do sentido de causalidade na História e na Sociologia parece de fato importante para Simiand. E ele não abandona o problema em seu primeiro artigo de 1903. Ele escreve ainda naquele ano uma pequena nota crítica ao livro de Ernst Bernheim (1889), *Lehrbuch der Historischen Methode und der Geschichte der Philosophie* à qual dá o título de *Sur la notion de cause en matière historique et sociologique* (1903b). No texto, elogia Bernheim por sua correta compreensão do significado de causa em história, mas não acredita que o historiador tenha ido além de apenas colocar o problema de maneira pouco crítica (SIMIAND, 1903b). Diante da SFP, em 1906, ele retorna ao tema da causalidade, apresenta e submete ao debate um novo texto sobre o assunto intitulado *La causalité en histoire* (1906).

Desta vez, passados três anos da apresentação do primeiro texto, com tom mais conciliador, traça uma avaliação sobre o método histórico para concluir que não haveria, em princípio, razão para deixar de considerar a História como um tipo de conhecimento científico de mesma propriedade daqueles das ciências naturais. Simiand toma novamente como referência o livro de Bernheim, *Lehrbuch der Historischen...* (1889), para discordar daquele autor. Ao contrário de Bernheim, que entendia a História como uma ciência que se valia de um tipo metodológico de explicação dos fenômenos diferente dos aplicados às ciências da natureza, Simiand postula que os mesmos tipos de procedimentos explicativos utilizados pelas ciências naturais são também aplicáveis à História. Simiand vai mais longe ao afirmar que esses procedimentos já estariam, do ponto de vista lógico, incorporados por parte da historiografia contemporânea, contudo caberia ainda aperfeiçoá-los em sua aplicação (SIMIAND, 1906).

Para demonstrar sua tese a partir de um exemplo, Simiand recorre mais uma vez à crítica da obra de Seignobos. Como justificativa de sua escolha argumenta entre outros pontos que a obra daquele autor goza de grande reputação e que o próprio Seignobos, em seus trabalhos de metodologia, considerava a História uma ciência positiva e que, assim, possuiria um método científico de explicação. É preciso notar que, embora de fato Seignobos colocasse a História dentro do campo dos conhecimentos positivos ou científicos, não concordava com a alegação de Simiand de que as propriedades metodológicas das ciências naturais fossem as mesmas da História. Seignobos percebia o método histórico como possuindo características próprias, distintas das ciências naturais e já havia se pronunciado expressamente sobre o tema:

A história deve assim se defender da tentação de imitar o método das ciências biológicas. Os fatos históricos são tão diferentes dos fatos das outras ciências que para estudá-los é necessário um método diferente de todos os outros (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1992, p. 123).<sup>7</sup>

Ainda assim Simiand julgava, em seu artigo de 1906, que poderia tomar o livro de Seignobos, *Histoire politique de l'Europe contemporaine...* (1908a) como exemplo para sua demonstração da igualdade lógica entre os métodos de explicação nas ciências naturais e na História. Contudo, essa igualdade, que podia ser vista, segundo Simiand, na obra de Seignobos, encontrava-se mais na forma do que no conteúdo propriamente das explicações do historiador.

Para Simiand, os processos realizados por cientistas da natureza em seus estudos poderiam ser comparados aos que praticavam os historiadores. Nas ciências naturais, assim como na História, uma série de operações de abstração é realizada para se chegar a entender a generalidade de um fenômeno. Com o intuito de sustentar sua argumentação, Simiand procura apontar para os processos de abstração semelhantes aos das ciências naturais que teriam sido feitos por Seignobos em seu livro sobre a história política da Europa. As relações de causa estabelecidas por Seignobos eram aceitáveis para Simiand na medida em que conseguiam relacionar, com bom grau de abstração, um fenômeno a outro, demonstrando a ligação precisa de causa e consequência.

No texto do Sr. Seignobos, encontram-se muitas leis sociológicas em estado virtual ou em estado confuso; mas, ainda que nesse estado virtual ou confuso, essas leis sociológicas não ganham uma outra natureza e por isso não constituem um modo de causação diferente daquele que é empregado nas demais ciências. Assim, não encontramos, nesse exemplo, de fato, essa causalidade absolutamente particular e

absolutamente diferente da causalidade das ciências da natureza que reivindicava a metodologia histórica (SIMIAND, 1906, p. 562).<sup>8</sup>

Entretanto, ao destacar, com inúmeras citações do livro de Seignobos, as passagens que acreditava conter modos de proceder equivalentes aos das ciências naturais, censurava o historiador por imprecisões ou generalizações mal acabadas. Para Simiand, era preciso reduzir o papel das séries de singularidades para transformá-las em um conhecimento das regularidades da vida social. Ora, Simiand parecia desejar reparar a obra de Seignobos naquilo que ela havia deixado de fazer e não no que havia feito. Assim, mais uma vez, tem-se a sensação de que Simiand ambiciona levar a História para um patamar mais alto e, fazê-la avançar, na sua concepção, para dentro da ciência.

Aberto o debate<sup>9</sup>, uma variedade de idéias, com freqüência pouco convergentes, sobre o texto de Simiand, são expressas. Seria difícil resumi-las todas aqui, mas vale a pena notar como o tema incita argumentos, contra-argumentos e comentários em diversas direções. O debate revela algumas das nuances intelectuais da polêmica, que, apesar de dividida basicamente em dois pólos, conserva posições intermediárias. Para alguns dos participantes, como o filósofo Georges Cantecor (CANTECOR apud SIMIAND, 1906), haveria sim na metodologia da História particularidades, que a separariam da lógica das ciências naturais. Ao combater o monismo de Simiand, Cantecor afirma ainda que a diferença entre os métodos aplicados ao estudo da História e da Sociologia apenas demonstraria, afinal, que cada uma das ciências dedica-se a objetivos de conhecimento diferentes. A primeira, a situar, a caracterizar e a descobrir as razões particulares de um fato no tempo e a segunda, a entender o sistema geral desses fatos particulares e as suas leis. Tal opinião poderia diluir o conflito metodológico, mas não resolveria o problema na prática, ainda mais se considerarmos que temas comuns começavam a ser disputados pela História e pela Sociologia. O próprio Simiand já havia escrito na *L'Année sociologique* texto com o título *Étude sur les prix du charbon en France et au XIX<sup>e</sup> siècle* (SIMIAND, 1902).

Cabe ressaltar ainda a participação do filósofo Frédéric Rauh no debate. Embora aparentemente tenha chegado atrasado à palestra de Simiand, pois, conforme sua primeira fala, lamentou não ter podido assisti-lo, Rauh foi um dos participantes mais ativos no debate. Tentou trazer ainda para a discussão uma outra questão polêmica, o estudo do sentido dos eventos históricos em um período mais longo de tempo: “a direção do devir. Em que direção vão os eventos?” (RAUH apud SIMIAND, 1906, p. 582).<sup>10</sup> As questões levantadas por Rauh remetiam o debate, como ele próprio enfatizou, aos estudos de

filosofia da história. Ora, no campo da História, já se havia combatido no século XIX contra explicações que muitos historiadores consideravam pura especulação metafísica advindas da filosofia da história, sobretudo da encontrada na *Introdução à filosofia da História*, de Hegel (2001). A posição de Rauh era contestada por Simiand. Ele desejava constituir uma História científica e, portanto, seria conveniente afastá-la de qualquer projeto que parecesse metafísico. Por sua vez, Seignobos apresentava, se não contrariedade à filosofia da história, grande descrença em suas afirmações – ver o capítulo *Construction de formules générales*, do livro *Introductions aux études historiques* (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1992).

No dia 30 de maio de 1907, quase um ano após a apresentação de Simiand sobre a idéia de causalidade na História, Seignobos vai também à SFP<sup>11</sup> para responder às críticas do jovem sociólogo. Para tanto, expõe naquele dia seu texto intitulado *Les conditions pratiques de la recherche des causes dans le travail historique*. Seignobos declara expressamente, durante sua apresentação, que seu artigo é uma resposta direta à Simiand. Contudo, talvez para que não aparente dar excessivo crédito a Simiand, parece fazer questão de lembrar a todos os presentes, com uma pequena dose de ironia, a pouca experiência de seu adversário.

Eu não tenho nenhum motivo para esconder que esta conferência foi inspirada por aquela que meu amigo Simiand proferiu na Sociedade no ano passado. Ao ler o que Simiand havia dito, comecei supondo que, sendo mais jovem do que eu, ele devia ter razão. Acabei concluindo que Simiand, certamente, tem razão, mas que eu não estou errado. O que há entre nós, não é uma diferença entre duas gerações, mas sim uma diferença entre duas profissões: é o desentendimento normal entre um filósofo e um historiador (SEIGNOBOS, 1907, p. 590).<sup>12</sup>

Seignobos tenta, desde o começo de seu texto, separar sua posição daquela de Simiand, classificando os argumentos deste no campo filosófico. Dessa forma, Seignobos retira, em parte, a disputa metodológica de cena, sustentando que o desacordo apresentado por Simiand é resultado da diferença entre o ponto de vista de cada uma das disciplinas, a filosófica e a histórica<sup>13</sup>. É partir desta saída que Seignobos passa a analisar se os métodos propostos pelo “filósofo” Simiand podem se adequar às condições de trabalho do historiador e decide expor as razões pelas quais o proceder histórico não pode satisfazer as exigências dos filósofos.

Como sugere o título de seu artigo, Seignobos insiste que “as condições práticas”, sobretudo as impostas pela fragmentariedade ou escassez das fontes documentais, material sobre o qual se apóia o historiador, tornam impossível realizar a tarefa que a

idealidade da filosofia impõe para a História. Entretanto, a Sociologia, que pode observar os fatos atuais “diretamente e completamente” (SEIGNOBOS, 1907, p. 589) estaria mais capacitada a alcançar eventualmente o entendimento das regularidades e leis sociais. Embora Seignobos avalie que não há qualquer razão teórica para imaginar que tais regras sociais possam ser diferentes entre passado e presente, a precariedade do material próprio à História não permite que tal tarefa seja realizada pelo historiador.

O tema da causalidade na história é abordado na apresentação de Seignobos de maneira um pouco lateral. O historiador insiste, seguindo sua linha central de raciocínio, que as explicações oferecidas pela História dependem dos limites das fontes documentais possíveis de serem acessadas e que assim as causas de um evento podem nem mesmo chegar a ser explicadas, no mais das vezes o que se pode fazer é meramente constatar um fato. Diante da debilidade do material histórico, a explicação dos eventos deve ser buscada nas relações imediatas entre os fenômenos, o que, considerando a importância das motivações humanas na História, inclui de forma relevante as explicações de caráter psicológico: “Para compreender um ato deve-se antes de tudo conhecer (ou conjecturar) o fenômeno psicológico que dirigiu esse ato” (SEIGNOBOS, 1907, p. 607).<sup>14</sup>

Quando a discussão é aberta, o problema da causalidade é retomado por vários dos presentes, sobretudo por Simiand que, evidentemente insatisfeito com os limites do conhecimento histórico apresentados por Seignobos, quer voltar mais uma vez e mais detidamente ao que parece continuar a considerar como a questão central da disputa metodológica entre História e Sociologia: “O que é mais essencial e mais profundo é a nossa diferença em relação a *noção de causa*” (SIMIAND apud SEIGNOBOS, 1907, p. 614, grifo do autor).<sup>15</sup> Simiand afirma não buscar as causas gerais dos eventos fora do mundo histórico, mas entende ser possível e necessário estabelecer as regularidades históricas entre certas relações de causa e efeito.

Em meio ao grande debate sobre a diferença do sentido de causalidade entre os campos da História e da Sociologia, passa-se, rapidamente, mas repetidas vezes, pela questão das forças não conscientes que movem os indivíduos, como fator relevante na explicação das causas dos fenômenos sociais. Neste ponto, os dois lados do debate reconhecem a importância dos motivos inconscientes nos desígnios da história, embora apresentem razões bastante diferentes para tanto. Ora, é nessa diferença que parece residir o grande desentendimento entre os dois sentidos de causalidade. O filósofo Élie Halévy parece ter notado que o tema era essencial para aprofundar a compreensão da causalidade nos dois campos, mas, àquela altura, os ponteiros do relógio já deveriam ter percorrido um longo caminho desde o começo da apresentação. Assim, Halévy decide propor que

uma nova ocasião seja criada para tratar daquele assunto, encerrando aquela sessão (SEIGNOBOS, 1907).

Então, em 28 de maio de 1908, mais uma vez diante da SFP, Seignobos apresenta artigo com o título de *L'inconnu et l'inconscient en histoire* (1908b), para posteriormente debatê-lo com os presentes<sup>16</sup>. Deve-se destacar que, a essa ocasião, compareceu o próprio Durkheim, o que tornou o debate ainda mais intenso. Durante sua apresentação, Seignobos esboça de maneira bastante simples as idéias de “desconhecido” e “inconsciente” para o estudo da História. De forma geral, o “desconhecido” refere-se a tudo aquilo a que o historiador não tem acesso, como documentos incompletos, fragmentários ou segredos que foram ocultados deliberadamente. O “inconsciente” diz respeito a razões de agir das quais os indivíduos não se dão conta e, por isso, não são claramente expressas por eles. A trivialidade com que Seignobos apresenta o conceito de “inconsciente” torna a ideia pouco útil teoricamente, mas isso parece ser exatamente o que Seignobos deseja fazer.

Ele então se pergunta retoricamente como explicar a ação do inconsciente se os indivíduos não são capazes de manifestar suas motivações. A pergunta tinha caráter retórico porque Seignobos, já no começo de sua apresentação, havia declarado que não pretendia trazer uma solução para o problema e, sobretudo, porque o questionamento servia para confrontar diretamente a idéia de “consciência coletiva”, de grande importância metodológica para os durkheimianos. A idéia teórica de consciência coletiva obedecia aos preceitos metodológicos da Sociologia durkheimiana de buscar nos sistemas sociais as explicações de seus fenômenos. Se, como dito anteriormente e segundo Durkheim, as explicações dos fenômenos sociais não seriam descobertas nas razões apresentadas pelos indivíduos isoladamente, deveria haver uma instância social em que o conjunto das crenças e sentimentos coletivos seria encontrado. A consciência coletiva servia como repositório dessas crenças e sentimentos e portanto nela se poderia investigar as causas e explicações dos fenômenos sociais. Entretanto, a consciência coletiva condutora das razões sociais era para os próprios indivíduos normalmente algo não perceptível, muito próximo do inconsciente.

O que Seignobos parecia querer desfazer era o estranho nó que unia consciência coletiva e inconsciente individual. A consciência coletiva, por não estar em cada uma das partes, mas na conformação do todo social, era para cada indivíduo insondável ou, como suponha Seignobos, inconsciente. Durkheim negou essa posição durante o debate, mas, não respondendo diretamente ao efusivo questionamento de Seignobos, não esclareceu o papel da idéia de inconsciente na sua teoria.

Sr. DURKHEIM. – Essa questão não me parece entrar naquela que nós estamos tratando. Sem dúvida, o Sr. Seignobos parece crer que a consciência coletiva foi imaginada como um meio de explicar o inconsciente na história. Isso é inexato. Em primeiro lugar, podemos admitir que o inconsciente existe e negar a idéia de consciente coletivo; esse inconsciente pode ser inteiramente individual. Depois, se existe uma consciência coletiva, ela deve compreender fatos conscientes e a serem levados em conta, tanto quantos os fatos inconscientes. Pois, afinal, uma vez que é uma consciência (supondo que ela exista), ela deve ser consciente em algum lugar.

Sr. SEIGNOBOS. – Onde então? Eu gostaria muito de saber que lugar é este onde a coletividade pensa conscientemente?

Sr. DURKHEIM. – Eu não pretendo abordar aqui a questão da consciência coletiva, que ultrapassa infinitamente o tema do qual nos ocupamos aqui. Tudo o que tenho a dizer é que, se admitimos a existência de uma consciência coletiva, nós não a pensamos com o objetivo de explicar o inconsciente. Nós acreditamos ter descoberto alguns fenômenos característicos, absolutamente diferentes dos fenômenos de psicologia individual, e é por esta via que nós fomos levados à hipótese que o senhor está atacando aqui, eu não sei bem por quê (SEIGNOBOS, 1908b, p. 238).<sup>17</sup>

Embora Durkheim procurasse separar as idéias de consciência coletiva e inconsciente, as duas acabavam por se intercruzarem freqüentemente nas explicações sociológicas. A idéia de que os indivíduos ou os atores históricos são conduzidos por razões sociais pouco claras para eles próprios ou mesmo inconscientes havia feito, há alguns anos antes do debate, com que Durkheim chegasse mesmo a escrever um pequeno texto elogiando esse entendimento encontrado no materialismo histórico:

Nós acreditamos ser fecunda a idéia de que a vida social deve ser explicada, não pela concepção que fazem sobre ela aqueles que dela participam, mas pelas causas profundas que escapam à consciência: e nós pensamos também que essas causas devem ser procuradas principalmente na forma como estão agrupados os indivíduos associados. E ainda nos parece, nessas condições, e somente nessas condições, que a história pode tornar-se uma ciência e que a sociologia, por consequência, pode existir. Pois, para que as representações coletivas sejam compreensíveis, é necessário que elas venham de algo e, como elas não podem formar um círculo fechado nelas mesmas, a fonte da qual se originam deve se encontrar fora delas. Ou a consciência coletiva flutua no vazio, espécie de absoluto irrepresentável, ou ela se liga ao resto do mundo por intermédio de um substrato, do qual, portanto, ela depende. Por outro lado, do que pode ser composto esse substrato, senão de membros da sociedade, tal como são socialmente combinados? (DURKHEIM, 1897, p. 648).<sup>18</sup>

Ao final do debate, parecia mais claro que um ponto de grande divergência entre a metodologia histórica e sociológica, no que dizia respeito à maneira como cada disciplina

procurava as causas dos acontecimentos sociais, estava no valor atribuído à consciência dos indivíduos como fator explicativo de suas condutas. Entretanto, nenhum dos dois lados podia abandonar suas teses sem que o edifício metodológico de suas disciplinas, naquele momento, ruísse ou ficasse extremamente abalado. Os desentendimentos (em alguns momentos ríspidos) já pareciam ter cansado os debatedores. Assim, o filósofo Lalande tentou, ao final, estabelecer alguma espécie de acordo, que talvez pudesse levar o debate a um encerramento mais conciliatório. O que se vê dessa tentativa é um diálogo de mero jogo de palavras que põe fim àquela sessão, sem que qualquer um dos lados pareça ter, de fato, convencido o outro.

Sr. LALANDE. – Parece-me que tanto o Sr. Seignobos como o Sr. Durkheim concordam ao admitirem ambos que os indivíduos jamais podem ser tomados isoladamente, antes ou fora da sociedade, e que não se pode nem mesmo chegar a supor os indivíduos, sem supor ao mesmo tempo a sociedade.

Sr. DURKHEIM. – Fiquemos confortavelmente com essa ilusão e digamos que o Sr. Seignobos admite, assim como eu, que o país muda os indivíduos.

Sr. SEIGNOBOS. – Que seja, mas sob a condição de que o país seja concebido unicamente como o conjunto dos indivíduos.

Sr. DURKHEIM. – Digamos, se o senhor preferir, que a associação muda cada um dos elementos associados.

Sr. SEIGNOBOS. – Eu admito essa tautologia (SEIGNOBOS, 1908b, p. 247).<sup>19</sup>

Esse acordo de cavalheiros soa mais como um virar de costas entre as duas disciplinas, cada uma seguindo seu caminho. De fato, alguns anos depois desse último debate, o próprio Durkheim parece ter abandonado o projeto de integrar o método sociológico à História. Em seu importante livro de 1912, *As formas Elementares da Vida Religiosa*, ele descreve a História como uma disciplina de metodologia essencialmente distinta da Sociologia e reserva à História um lugar de ciência meramente auxiliar à Sociologia:

A sociologia coloca-se problemas diferentes daqueles da história ou da etnografia. Ela não busca conhecer as formas extintas da civilização com o único objetivo de conhecê-las e reconstituí-las. Como toda ciência positiva, tem por objeto, acima de tudo, explicar uma realidade atual, próxima de nós, capaz portanto de afetar nossas idéias e nossos atos: essa realidade é o homem e, mais especialmente, o homem de hoje, pois não há outro que estejamos mais interessados em conhecer bem. Assim, não estudaremos a religião arcaica que iremos abordar, pelo simples prazer de contar suas extravagâncias e singularidades. Se a tomamos como objeto de nossa pesquisa é que nos pareceu mais apta que outra qualquer para fazer entender a natureza religiosa do homem, isto é, para nos revelar um aspecto essencial e permanente da humanidade (DURKHEIM, 1996, p. VI).

## *Considerações Finais*

Os fortes atritos metodológicos ocorridos nos primeiros encontros entre História e Sociologia na França devem-se, em boa medida, à posição extremada que os dois lados tomaram. A busca por consolidar a Sociologia como ciência dentro do campo intelectual francês e o projeto, encabeçado por Seignobos, de organizar os procedimentos da pesquisa histórica seguiam rumos divergentes – e pareciam completamente incompatíveis – na maneira como concebiam a lógica com que se deveria explicar os eventos sociais. Tão forte quanto o ataque empreendido pelo sociólogo Simiand ao método histórico mostrou-se a defesa que em favor desse método foi armada por Seignobos. Com posições fundamentais bastante marcadas e pouco espírito de conciliação, o diálogo caminhou para longe do consenso naquele momento. Os dois lados ao final do último debate pareciam tender a delimitar seus territórios e assim se apartarem. Contudo, esse embate metodológico não termina assim, com o isolamento entre a História e a Sociologia.

O desejo de Simiand de levar para a História a integralidade da metodologia sociológica e talvez transformá-la numa Sociologia histórica não se realiza, mas a influência da Sociologia sobre a História poderá se notar, algumas décadas mais tarde, nos *Annales*. Para ser um pouco mais preciso, mesmo antes da fundação da revista dos *Annales*, Marc Bloch havia, em 1924, trazido para o campo da História, com o seu livro *Os reis taumaturgos* (1993), uma forma de circunscrever um objeto de estudo próxima daquela que queria Simiand. Bloch analisa a crença, popularmente difundida ao longo de quase seis séculos, de que os reis franceses poderiam com o seu toque curar escrófulas. Além da novidade na escolha temática, ao abordar o poder político não pelo ponto de vista dos dirigentes do Estado, mas pela maneira como se constituía socialmente sua legitimidade, pode-se dizer que Bloch também se aproxima da Sociologia ao estudar a ocorrência de um mesmo fenômeno – inclusive com interesse estatístico em suas repetições – em um alargado período de tempo.

Contudo, para uma possível decepção de Simiand, há também nesse estudo de Bloch um claro limite às pretensões sociológicas. Muito embora Bloch tenha se dedicado ao estudo da permanência de um mesmo fenômeno social ao longo de séculos, buscando entender alguns elementos que conferiam legitimidade a uma monarquia considerada divina, não há em sua pesquisa qualquer ambição em encontrar uma explicação ou teoria geral da legitimação de governantes ou do Estado. O historiador chega mesmo a mencionar ser de seu conhecimento a crença no poder de cura pelo toque em outras

sociedades, mas apenas se interessa em comparar, rápida e vagamente, esses fenômenos ao caso francês para ressaltar suas diferenças.

Assim, Bloch não acolhe o método sociológico, mas não afasta sua inspiração. Um pouco mais distante da radicalidade do debate entre Simiand e Seignobos, Bloch consegue aproximar algumas idéias sociológicas e afastar outras da tradição historiográfica. Penso que se pode dizer que as inovações na História francesa, ocorridas sobretudo entre a primeira e a segunda guerra mundial, deram-se, em boa medida, por um movimento de aceitação da Sociologia, mas também de resistência a partes importantes de seu método. Dessa forma, não é de se surpreender que, ainda em 1988, numa edição do programa televisivo francês *Apostrophes*<sup>20</sup>, que teve como tema os ofícios de historiador, sociólogo e romancista, o historiador Fernand Braudel e o sociólogo Pierre Bourdieu tenham debatido intensamente, embora de maneira mais bem humorada nessa ocasião, algumas das divergências e queixas mútuas ainda existentes entre os dois campos. É certo que os eventuais debates ocorridos entre sociólogos e historiadores demonstram contrariedades importantes entre os dois campos, contudo, revelam, também, um interesse mútuo existente entre as duas áreas, interesse que se mantém até o presente.

## Referências

- BERNHEIM, Ernst. *Lehrbuch der historischen methode: Mit nachweis der wichtigsten quellen und huelfsmittel zum studium der geschichte*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1889.
- BESNARD, Phillipe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. *Revue française de sociologie*, Paris, v. 20-21, p. 7-31, 1979.
- BLOCH, Marc. *Os Reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. Tradução de Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva: discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo - catecismo positivista*. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores).
- DURKHEIM, Émile. La conception matérialiste de l'histoire – Une analyse critique de l'ouvrage d'Antonio Labriola, Essais sur la conception matérialiste de l'histoire. *Revue philosophique*, Paris, v. 44, p. 645-651, 1897.
- \_\_\_\_\_. *As Regras do Método Sociológico*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. [1ª edição: 1894].
- \_\_\_\_\_. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Tópicos).
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- LACOMBE, Paul. *De l'histoire considérée comme science*. Paris: Librairie Hachette, 1894.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris: Edição Kimé, 1992.

L'HISTORIEN le sociologue et le romancier. Réalisateur: François Chatel. Producteur: Bernard Pivot. Participant: Max Gallo; Pierre Bourdieu; Fernand Braudel. Présentateur: Bernard Pivot. 21 déc. 1979. 01h 17min 54s. Disponível em: <http://www.ina.fr/video/CPB79051936/l-historien-le-sociologue-et-le-romancier-video.html>. Acesso em: 19 nov. 2013.

POMIAN, Krzysztof. *Sur l'histoire*. Paris: Gallimard, 1999. (Folio Histoire)

REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Tradução de Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SEIGNOBOS, Charles. Les conditions pratiques de la recherche des causes dans le travail historique. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Paris, v. 7, p. 587-631, 1907. Disponível em: <http://www.sofrphilolo.fr/?idPage=17&page=bulletin&numPage=28&idBulletin=>. Acesso em: 12 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. *Histoire politique de l'Europe contemporaine: L'évolution des partis et des formes politiques, 1814-1896*. 5<sup>ème</sup> éd. Paris: Armand Colin, 1908a. [1<sup>ª</sup> edição: 1897].

\_\_\_\_\_. L'inconnu et l'inconscient en histoire. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Paris, v. 8, p. 217-247, 1908b.

\_\_\_\_\_. *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*. 2<sup>ème</sup> éd. Paris: Felix Alcan, 1909. [1<sup>ª</sup> edição: 1901].

SIMIAND, François. Étude sur les prix du charbon en France et au XIX<sup>e</sup> siècle. *L'année sociologique*, Paris, v. 5, p. 1-81, 1902. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k93914q/f4.image>. Acesso em: 09 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Méthode historique et science sociale. Étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et de M. Seignobos. *Revue de synthèse historique*, Paris, t. 6, n. 1, p. 1-22, 1903a. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k101531d.image>. Acesso em: 06 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Note de méthode: Sur la notion de cause en matière historique et sociologique. *Notes critiques/Sciences Sociales*, Paris, v. 4, p. 129-132, 1903b. Disponível em: [http://classiques.uqac.ca/classiques/simiand\\_francois/methode/methode\\_14/notion\\_hist\\_socio.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/simiand_francois/methode/methode_14/notion_hist_socio.html). Acesso em: 06 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. La causalité en histoire. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Paris, v. 7, p. 547-588, 1906. Disponível em: <http://www.sofrphilolo.fr/?idPage=17&page=bulletin&numPage=28&idBulletin=>. Acesso em: 12 nov. 2013.

## Notas

<sup>1</sup> Neste ponto, vale a pena destacar o caráter inovador do pensamento de Seignobos em sua época e sua atualidade. O historiador entende que o estudo da história não pode reconstruir, ainda que mentalmente, o passado. O trabalho a ser realizado consiste em larga medida numa operação em que o historiador seleciona e ordena criticamente os eventos. Esta montagem não é uma reconstrução do passado e sim a sua própria construção. Seignobos não utiliza sequer uma vez a palavra reconstrução em todo o seu livro *Introduction aux études historiques* (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1992).

<sup>2</sup> Tradução do autor. Original em francês: “Les inquiétudes de méthode qui se manifestent à beaucoup de signes, aujourd'hui, parmi les historiens tiennent pour une bonne part, semble-t-il, aux relations de voisinage, de rivalité et disons-le tout de suite - de conflit que, de plus en plus, soutiennent entre elles l'histoire traditionnelle et la nouvelle science sociale. En quoi donc, au juste, méthode historique et science sociale ont-elles affaire ensemble?”.

<sup>3</sup> Tradução do autor. Original em francês: “[...] l'historien ne limite pas son oeuvre à l'établissement des faits: il les groupe, les agence, les construit; il en veut constituer un certain système de connaissances qui soit une certaine science, qui soit l'histoire. C'est à ce stade de l'oeuvre scientifique, c'est dans l'élaboration

---

des données en un ensemble, c'est dans le mode et dans l'esprit de l'utilisation des faits à constituer une science, que se manifeste une divergence d'action et une opposition de tendance entre la science sociale et l'histoire traditionnelle. Le problème que pose ce conflit attire visiblement les méthodologistes de l'une et de l'autre part”.

<sup>4</sup> Tradução do autor. Original em francês: “La construction des faits humains, telle que l'entreprend la science sociale, a pour dessein de constituer une science des phénomènes sociaux analogue aux sciences positives déjà constituées des phénomènes de la nature. Cette conception n'est pas encore familière à beaucoup d'esprits: spécialement elle se heurte à plusieurs des habitudes de pensée constitutives dont procède la construction de l'histoire traditionnelle”.

<sup>5</sup> Tradução do autor. Original em francês: “L'établissement d'un lien causal se fait non entre un agent et un acte, non entre un pouvoir et un résultat, mais entre deux phénomènes exactement de même ordre; il implique une relation stable, une régularité, une loi. Il n'y a cause, au sens positif du mot, que là où il y a loi, au moins concevable. En ce sens, on voit aussitôt que le phénomène individuel, unique de son espèce, n'a pas de cause, puisqu'il ne peut pas être expliqué par une relation constante avec un autre phénomène, et que, dans un cas unique, l'antécédent invariable ne peut être établi. Si donc l'étude des faits humains veut se constituer en science positive, elle est conduite à se détourner des faits uniques pour se prendre aux faits qui se répètent, c'est-à-dire à écarter l'accidentel pour s'attacher au régulier, à éliminer l'individuel pour étudier le social”.

<sup>6</sup> Tradução do autor. Original em francês: “La règle est ici, comme dans les autres sciences positives, de suivre les abstractions heureuses, c'est-à-dire celles qui conduisent à établir, celles qui sont propres à mettre en évidence des régularités et, s'il est possible, des lois. Sans doute l'opération est ici plus délicate et plus incertaine que dans les autres sciences positives. Et M. Seignobos, dans les raisons qu'il donne de condamner l'emploi de ces abstractions, ne fait, à vrai dire, qu'énumérer certaines difficultés que rencontre, en effet, en la matière, l'opération abstraite. Mais le processus logique n'est pas autre, et l'exemple des sciences plus avancées montre qu'il est indispensable et essentiel à la condition de la science positive”.

<sup>7</sup> Tradução do autor. Original em francês: “L'histoire doit donc se défendre de la tentation d'imiter la méthode des sciences biologiques. Les faits historiques sont si différents de ceux des autres sciences qu'il faut pour les étudier une méthode différente de toutes les autres”.

<sup>8</sup> Tradução do autor. Original em francês: “Dans le texte de M. Seignobos se trouvent beaucoup de lois sociologiques à l'état virtuel ou à l'état confus; mais de ce qu'elles restent à cet état virtuel ou confus, elles n'en prennent pas une autre nature et ne constituent pas pour cela un mode de causation différent de celui qui est employé dans les autres sciences. Nous n'avons donc pas rencontré, dans cet exemple de fait, cette causalité toute particulière et toute différente de la causalité des sciences de la nature que revendiquait la méthodologie historique”.

<sup>9</sup> O boletim da SFP registrou a presença, na apresentação realizada por Simiand no dia 31 de maio de 1906, dos seguintes participantes: Belot, Brunschvicg, Delbos, Dunan, Laberthonnière, J. Lachelier, Lacombe, Lalande, X. Léon, Lévy-Bruhl, Malapert, Pacaut, Parodi, Pécaut, Rauh e Sorel.

<sup>10</sup> Tradução do autor. Original em francês: “[...] la direction du devenir. Dans quel sens vont les événements?”

<sup>11</sup> Compareceram ao debate os senhores: G. Bloch, Brunschvicg, Cantecor, Challaye, Delbos, Drouin, Dunan, Bazailles, Beauvalon, R. Berthelot, Glotz, Halévy, Jacob, Laberthonnière, Lacombe, J. Lachelier, H. Lachelier, A. Lalande, X. Léon, Mantoux, Ogereau, Parodi, Perrin, Simiand, Sorel, L. Weber e Winter.

<sup>12</sup> Tradução do autor. Original em francês: “Je n'ai aucun motif de dissimuler que cette conférence m'a été suggérée par celle que mon ami Simiand a faite l'art dernier à la Société. En lisant ce qu'avait dit Simiand j'avais commencé par supposer qu'étant plus jeune que moi il devait avoir raison. J'ai fini par penser que Simiand a certainement raison, mais que je n'ai pas tort. Ce qu'il y a entre nous, ce n'est pas une différence entre deux générations, c'est une différence entre deux professions: c'est le désaccord normal entre un philosophe et un historien”.

<sup>13</sup> Nos primeiros momentos de sua fala no debate que se iniciou após a palestra proferida por Seignobos, Simiand se ocupa em recusar a classificação que Seignobos deseja fazer ao colocá-lo no campo da filosofia e a si próprio na posição de pesquisador prático em História: “Antes de tudo, eu não posso aceitar a afirmação inicial do Sr. Seignobos de que este debate se reduz a diferença de ponto de vista do filósofo e do historiador. Evidentemente, eu não nego minhas origens; mas não é como filósofo que vim pedir à história mais do que ela nos dá: é simplesmente como trabalhador do mesmo campo com o sentimento de que havia da parte dos historiadores um esforço a ser feito na direção da ciência”. (SIMIAND apud SEIGNOBOS, 1907, p. 613). [“Tout d'abord je ne puis accepter l'affirmation initiale de M. Seignobos, que ce débat se ramène à la différence de point de vue du philosophe et de l'historien. Certes, je ne renie pas mes origines; mais ce n'est pas comme philosophe que je suis venu demander à l'histoire plus qu'elle ne nous donne: c'est simplement comme travailleur du même domaine ayant le sentiment qu'il y avait de la part des historiens un effort à faire dans le sens de la science”.]

<sup>14</sup> Tradução do autor. Original em francês: “Pour comprendre un acte il faut avant tout connaître (ou conjecturer) le phénomènes psychologique qui a dirigé cet acte”

---

<sup>15</sup> Tradução do autor. Original em francês: “Ce qui est plus essentiel et plus profond, c'est notre différend à propos de la notion de cause”

<sup>16</sup> Estiveram presentes àquela sessão os senhores: Berthelot, G. Bloch, Bouglé, Brunshvieg, Dauriac, Delbos, Dunan, Durkheim, Halévy, Jacob, Lacombe, Lalande, Ogereau, Parodi, Simiand e L. Weber.

<sup>17</sup> Tradução do autor. Original em francês: “M. DURKHEIM. - Cette question ne me paraît pas rentrer dans celle que nous traitons. Sans doute, M. Seignobos semble croire que la conscience collective a été imaginée comme un moyen d'expliquer l'inconscient en histoire. C'est inexact. D'abord, on peut admettre qu'il y a de l'inconscient, et nier toute conscience collective; cet inconscient peut être tout individuel. Puis, s'il y a une conscience collective, elle doit comprendre des faits conscients et en rendre compte, aussi bien que des faits inconscients. Car, enfin, puisqu'elle est une conscience (à supposer qu'elle existe) il faut bien qu'elle soit consciente par quelque endroit. M. SEIGNOBOS. - Où donc? Je voudrais bien savoir où est ce lieu où la collectivité pense consciemment? M. DURKHEIM. - Je n'ai pas à aborder ici la question de la conscience collective qui déborde infiniment le sujet qui nous occupe. Tout ce que je tiens à dire, c'est que, si nous admettons l'existence d'une conscience collective, nous ne l'avons pas imaginée dans le but d'expliquer l'inconscient. Nous avons cru découvrir certains phénomènes caractéristiques absolument différents des phénomènes de psychologie individuelle et c'est par cette voie que nous avons été conduits à l'hypothèse que vous attaquez ici, je ne sais trop pourquoi”.

<sup>18</sup> Tradução do autor. Original em francês: “Nous croyons féconde cette idée que la vie sociale doit s'expliquer, non par la conception que s'en font ceux qui y participent, mais par des causes profondes qui échappent à la conscience: et nous pensons aussi que ces causes doivent être recherchées principalement dans la manière dont sont groupés les individus associés. C'est même, nous semble-t-il, à cette condition, et à cette condition seulement, que l'histoire peut devenir une science et que la sociologie, par conséquent, peut exister. Car pour que les représentations collectives soient intelligibles, il faut bien qu'elles viennent de quelque chose et, comme elles ne peuvent pas former un cercle fermé sur lui-même, la source d'où elles dérivent doit se trouver en dehors d'elles. Ou la conscience collective flotte dans le vide, sorte d'absolu irréprésentable, ou elle se rattache au reste du monde par l'intermédiaire d'un substrat dont, par suite, elle dépend. D'un autre côté, de quoi peut se composer ce substrat, sinon des membres de la société, tels qu'ils sont socialement combinés?”

<sup>19</sup> Tradução do autor. Original em francês: “M. LALANDE. - Il me semble que M. Seignobos et M. Durkheim sont d'accord en ce qu'ils admettent l'un et l'autre que les individus ne peuvent jamais être donnés isolément, avant ou en dehors de la société, et qu'on ne peut même pas les supposer sans supposer en même temps celle-ci. M. DURKHEIM. - Reposons-nous sur cette illusion et disons que M. Seignobos admet comme moi que le pays change les individus. M. SEIGNOBOS. - Soit, mais à condition que le pays ne soit conçu que comme l'ensemble des individus. M. DURKHEIM. - Mettons, si vous préférez, que l'assemblage change chacun des éléments assemblés. M. SEIGNOBOS. - J'admets cette tautologie”.

<sup>20</sup> Vídeo completo do programa disponível na página web do *Institut National de l'Audiovisuel* francês (L'HISTORIEN..., 1979).

Artigo recebido em: 14/12/2013. Aprovado em: 02/02/2014.